

Pastore considera recessão inevitável no País

Produto Interno Bruto do Brasil já está 1% a 2% negativo, afirma economista

FÁBIO PAHIM JR.
Enviado especial

WASHINGTON — Muitas perguntas e poucas respostas. Foi assim que o economista Affonso Celso Pastore, ex-presidente do Banco Central, definiu a situação financeira internacional e a posição do Brasil, nesta entrevista ao **Estado**. Ele passou uma semana em Washington, cidade em que se realiza a reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI), dando palestras e conversando sobre a situação financeira global. O desaquecimento da economia mundial é inevitável, admite Pastore. No Brasil, os dados dessazonalizados — ou seja, dos quais foram eliminados os efeitos puramente conjunturais — já indicam um decréscimo entre 1% e 2% no Produto Interno Bruto (PIB). A crise atual, segundo o economista, nada tem a ver com as crises passadas, pois esta é uma crise global.

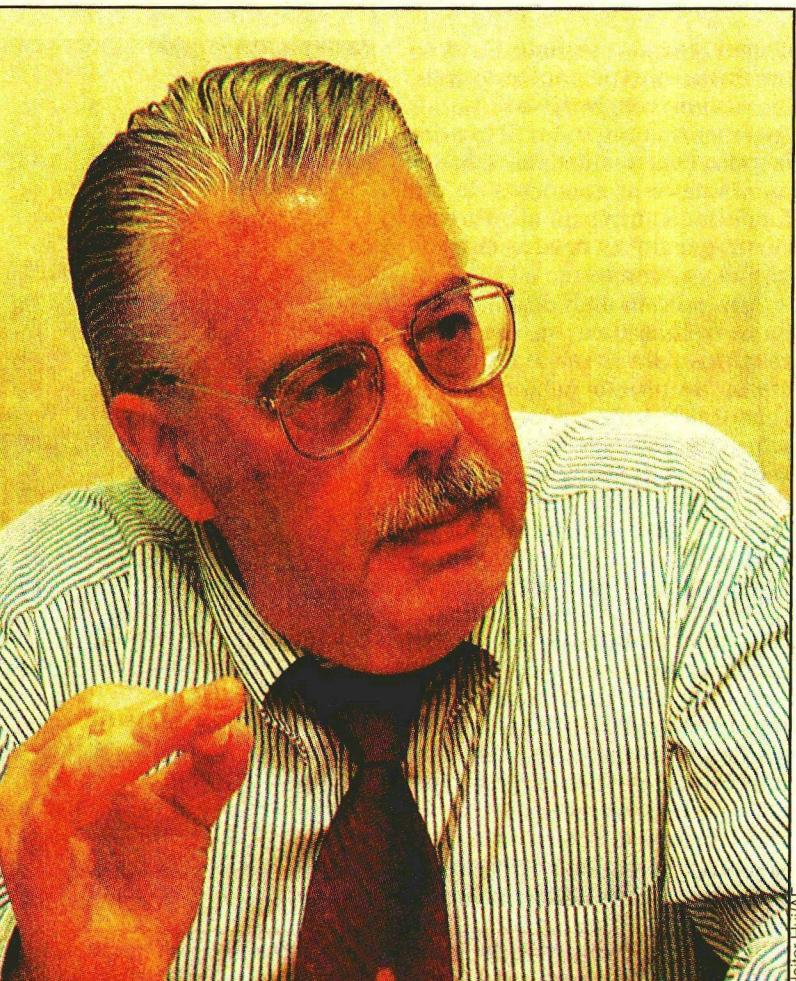
Estado — Como vê o momento atual?

Affonso Celso Pastore — O governo brasileiro precisa reduzir o déficit na conta corrente do balanço de pagamen-

tos. As medidas não podem mais ser monetárias, pois já se passou do limite nesse campo. É preciso evitar o desenlace — ou seja, uma desvalorização do real, que seria traumática. A economia está no torniquete. O governo tem de fazer um pacote fiscal que reduza os gastos domésticos e reconquiste a confiança, mas o problema não é apenas brasileiro, é mundial. O pacote interno não basta. É preciso também ter dinheiro de fora.

Estado — Como precisará ser o pacote interno?

Pastore — Uma redução significativa do déficit público produzirá o superávit primário. Tem-se falado em R\$ 25 bi-



Pastore: "O governo terá de demonstrar de forma clara o programa"

tência de um problema. É como um iceberg, o pior estava abaixo da superfície. Ante as necessidades de venda de ativos para pagar prejuízos, o problema espalhou-se para o conjunto.

Estado — Os títulos da dívida externa brasileira causam preocupação especial?

Pastore — Papéis como os C-Bonds rendiam cerca de mil pontos (10 pontos de porcentagem ao ano) acima dos títulos do Tesouro norte-americano, depois esse nível declinou para 300 pontos e voltou a subir para 800 com a crise asiática. Neste momento, essa diferença (spread) está em 1.200 pontos. É preciso pagar juros elevadíssimos para vender os títulos. A mesma coisa ocorre com os bônus das empresas privadas. O Antonio Ermírio (de Morais, do Grupo Votorantim) ou o Bradesco teriam de pagar juros muito elevados se quisessem colocar bônus. Por isso é que é necessário o dinheiro do FMI.

Estado — Os mercados futuros podem ser acusados pelas dimensões da crise?

Pastore — Os futuros são somente uma forma de cobrir as operações. A questão central é o movimento de capitais combinado com o modelo de câmbio fixo. Esta é a receita para a instabilidade das economias.

Estado — Acredita que os regimes de currency board (paridade fixa, como na Argentina) estão com os dias contados?

Pastore — Há poucos casos no mundo, mas há muitos casos de câmbio fixo. É o caso da Europa, com o euro, e era também o caso da Ásia.

Estado — Como vê uma reforma do Sistema Financeiro Internacional e do FMI?

Pastore — Não se pode Ter ideia. Quanto ao FMI, vai depender do desenho do novo sistema.

Estado — Considera inevitável uma recessão mundial?

Pastore — No Brasil, sim. No mundo, haverá um forte desaquecimento da economia. O Brasil já tem um crescimento negativo em torno de 1% a 2% do PIB.

CÂMBIO FIXO E MOVIMENTO DE CAPITAIS CAUSAM INSTABILIDADE

lhões, o que corresponde a diminuir o déficit nominal de 7% para 4% do PIB, mas isso poderá permitir também uma diminuição do juro, chegando a um número final próximo

dos 3% do PIB. A questão é saber como isso será feito. Certamente, haverá uma combinação de impostos, corte de gastos, controle de estatais e privatização.

Estado — Quais os requisitos para o programa ser bem-sucedido?

Pastore — Primeiro, o governo terá de demonstrar de forma muito clara como será factível executar o programa, explicando os instrumentos que serão usados. É preciso demonstrar que vai funcionar. É de se supor que sejam necessários recursos do FMI, do governo dos Estados Unidos, do Banco Mundial, do BID. Como o dinheiro do Banco Mundial e do

BID demora para ser liberado, é possível que haja um empréstimo-ponte dos bancos privados. Se o Brasil vai sacar ou não o dinheiro, é outra coisa. Quem responderá a essa pergunta é o mercado.

Estado — Grandes bancos internacionais foram afetados pela crise mundial.

Pastore — Sem dúvida. As consequências ocorrerão sobre os mercados emergentes, que vão ficar muito menores do que eram. Os riscos entre eles ficaram correlacionados, pois se uma grande instituição perde dinheiro num mercado, vende as posições que tinha em outros lugares para tapar o rombo. Grandes bancos perderam dinheiro nos mercados emergentes.

Estado — O socorro ao Long Term Capital Management foi um marco.

Pastore — Instituições com grande alavancagem (volume de operações em relação ao capital próprio) perderam. Isso chamou a atenção para a exis-